

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da LIVRARIA BERTRAND, S. A. R. L. — Lisboa



AQUILINO RIBEIRO
autor de
UM ESCRITOR CONFESSA-SE

GRANDE DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA

POR

CÂNDIDO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Brasileira de Letras, da Real Academia Espanhola, da Sociedade Asiática de Paris, da Academia de Jurisprudência de Madrid, do Instituto de Coimbra, etc., etc.

15.^a EDIÇÃO (Actualizada na grafia e ampliada
com cerca de **25 mil vocábulos**)

O Grande Dicionário, redigido de harmonia com os modernos princípios da ciência da linguagem, e em que se contém mais do dobro dos vocábulos até agora registados nos melhores dicionários da língua portuguesa, é o mais actualizado, autorizado e completo

«O Dicionário de Cândido de Figueiredo, sucessivamente melhorado, ampliado e trabalhado pelo seu autor, é hoje, sem dúvida, o melhor dicionário da língua portuguesa; o mais opulento, o mais «vivo», e, tecnicamente, o mais perfeito.»

«Entendo que a solução dada ao problema pelos Editores do Novo Dicionário, enriquecendo e actualizando este instrumento de consulta, constitui um relevante serviço à linguagem portuguesa e uma homenagem prestada ao nome glorioso de Cândido de Figueiredo.»

JÚLIO DANTAS

«Tarefa ingrata e inglória a de organizar um grande dicionário. Poucos apreciam o trabalho heróicamente miúdo que ela exige; muitos se apressam a criticar com entono uma ou outra humana e inevitável imperfeição, e não se lembram de agradecer milhares de acertos pacientes e beneméritos. Tem-se por vezes notado que os que nunca fizeram nada são os mais pontuais em pôr embargos ao resultado do esforço de quem fez alguma coisa, e o melhor que pôde.»

AGOSTINHO DE CAMPOS

A obra completa **2 grossos volumes** no formato de 27×19 com **2 600** páginas

Encadernação luxuosa em percalina com lombada em pele gravada e títulos a ouro, Esc. **1000\$00**

Pelo seu desenvolvimento, este dicionário é considerado um autêntico monumento da língua portuguesa

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND, S. A. R. L.**

Apartado 37 — Amadora

-8 DEZ 1974

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND S. A. R. L. R. Garrett, 73-75-Lisboa REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 37, 1.º TELEFONE: — 32 00 81/5

22-DEZEMBRO-1974 Número 371

MEMÓRIAS DE AQUILINO RIBEIRO

Um escritor confessa-se

Director: DR. VITORINO NEMÉSIO

Composto e impresso nas oficinas gráficas da LIVRARIA BERTRAND, S. A. R. L. (IMPRESSA PORTUGAL-BRASIL) — Rua João de Deus - Venda Nova - Amadora

PO o carácter desta revista impõe-se o dever de ressaltar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores a fim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

MEMÓRIAS DE AQUILINO RIBEIRO

UM ESCRITOR CONFESSA-SE

(Transcrição de parte do capítulo XV)

Na trapeira da Rua Nova do Almada. Como mudel de cabeça e de fisilonomia. As amáveis visitas dos amigos. Ecos dos desesperos e raivas que causou. O ministro epileptico. A revolução gorada de 29 de Janeiro. O mandato de Comilú. Um grupo de amoucos ou visionários? De Cila para Caribibis. As negociações da raposa velha do alcaide. Quem sabe onde ele pois? Fuzilaria a grenel. Morre o justo e o pecador. Mataram o rei!

Encontrava-me nas águas-furtadas dum prédio bombalino, a 150 metros da Parreirinha pelas escadinas de S. Francisco, e a menos de 200 do Ministério do Reino, quando ouvia, se não houvesse a interferência acustica das paredes, os espiritos do Sr. João Franco. Mais seguro, porém, só dotado de um talismã, como nos romances da *Madressiva*, que não um homem velho, flor, pássaro azul. Quem me sonharia ali, por detrás daquela janela de gato renharriz e grande dorminhoco, e dos pés de cava dum carochinha pobre e bonito? Para ali, sim, apenas frades agostinianos da Boa Hora teriam lançado oim miradas langorosas ante a silhueta gentil, dado que a sua cela fosse a do último andar do céu.

Aos membros arrastados com as peripécias da fuga ofereceu-se cama feita, com lençóis lavados a luzir, como quando eu era estudante e vinha a férias. Falta-vos cheirar à hortelã e mentras do coradoiro. Era o dia 12 de Janeiro de 1908.

— Está em casa dum senhoras idosas, que devem favores ao senhor Meira e Sousa, director do *Pais*, jornal republicano da tarde como sabe. Não tem que se acanhar. Este senhor só tez prazer em lhe proporcionar hospitalidade e hospitalidade à prova de bufo. Não é natural que os rafeiros da Polícia Secreta aqui venham fazer. Para todos os efeitos, o amigo é um parente da provincia que veio a Lisboa, muito adoentado, consultar um especialista.

— É grande a generosidade e, digamos, destemor, de parte do senhor Meira e Sousa, que não tem o gosto de conhecer. Por o obsequio, desde de lhe apresentar os meus cumprimentos e bem-hajias. Concluo daqui que a casa já estava falada... — Fazia parte do plano de evasão. O que talhou fo o automóvel, e por tabela o sinal à porta da Esquadra.

Eu deixara-me ludir, e lá as ditosas ilusões, pela metralhada de um motor ao longe. Como ninguém dispuzou o carro, a coberto de boas alegações — «O meu é muito conhecido, davam logo conta; o meu está às ordens, mas tem uma avaria na direcção; oh, diabo, o carro nesse dia sai com minha mulher e filhos para as Pedras da Saúde» —, julgaram-se por tão mesmo desligados do resto do meu amigos. Não os culpou, longe disso, que eram a dedicação extrema. Nesta ordem de coisas, é proverbial entre nós os compromissos darem sempre em águas de bacalhão, no que afinal de contas acabam todos por desmarisarem como águas puras do Jordão. Tivemos de sair... — E porquê? — Ora, porquê? — Faltou o Valente a mulher escondeu-lhe a farda. O raiu do comando deu-lhe naquela noite para vir ficar ao quartel! Almagens vezes: Tiram-nos os percutores das armas e puseram-nos do prevenção. E não raro: Estivo a morrer, homem, com uma diarreia que até ainda hoje me custa a ter nas pernas! — Um código de carcacás e mais carcacás ao activo dos gloriosos conspiradores de ontem e de sempre.

Mal desapareceu o meu amigo, tratei logo de me meter na cama que, debaixo do meu, o chão tornava-se um lago, à água que a minha roupa destilava por todos os flos. Vou quabrar-me o agradecido do meu amigo, e a Rua Pachadaina que, em nome da República agradece, de que era um dedicado soldado, me cortou a gualteira afonosa e a barba de jovem chibo. A escovinha como os galuchos. Quando me vi ao espelho, achei-me com a cacholinha do Menino Jesus da Lapa, diante do qual ajoelhei tantas vezes.

Em seguida bateu à porta o Araújo Pereira — santo homem, alma de criança, que se deixou esbulhar do cargo de ensalador do D. Maria por sua incapacidade para a intriga dos bastidores, a real — trazer-me com os lápis da caracterização umas linhas de velhice branca na testa no sentido do tempo e do meu tempo de respeito. Enquanto a serva depois daquela peripatetico, disse-me que eu não passava de um grande asno se julgava que os bufos eram alguns anjinhos que, a chegarem a pôr os pés naquele quarto, se iam na fresta da ribeira desluzidos, ao dar com um velho-menino: não é o nazareno que busamos!

Restei o meu rico sono e horas depois, com uma refeição substancial, vi-me restituído aos vinte e dois anos, são como os peros sem lagarta, aprensivo todavia e inquieto. E começou a minha quarentena no género da de Santo Inácio, no castelo de Lioiola, embora eu bebesses outros ventos em tudo o que me veio à mão, as *Memórias dum Médico*, compridas como a viagem de mula dum morgado da Torre de D. Chema para a capital; as *Farpas*; a *História de Herculano* e a *História dos Girondinos*, de Lamartine, voltei a ler Camilo e Eça, e tomei os primeiros contactos com Anatole France. Um dia vieram-me dizer: — Prenderam Arnaldo Pereira e o Pais ficou privado do folhetim *Os Bandidos da Serra da Gardunha*. O autor ia-o escrevendo ao fio dos dias, e deixou-nos descalços. Não sei se sabe que este folhetim é a história romaneada ou fantástica dos ascendentes de João Franco, bandidoleiros dos quatro cantados segundo a tradição lioiola. Passam por ser eles que assaltaram a Quinta do Ferro. Se nos escrevesse o folhetim?

— E acerto eu? Não li os números transactos... —

— Não é nariz-de-santo, refilante e pólvora a seu vizinho, grãbiado sabe ele como. E pua-me a compor o folhetim, espalmando grandes telas rurais, logo para comecar, uma estalajadeira da trama com facalhão em punho a aparrar nobre, a esqartear uma abóbora carneira para a sopetarra da cáfila que, depois de passar em contrabando um rebanho de cabras para Espanha, estava ali a romper estalada de fome. Enquanto a serva activava o fogo colossal com torgas secas, o senhor Abade chegava muito mesureiro, muito curial: *parce vobis!* a perguntar pelo senhor Frederico. Ora eu só sabia que o pai do ditador era um homem, modesto de aparência, o senhor Frederico Franco, que parecia não ter frido nada de azul, refilante e pólvora a seu vizinho, grãbiado sabe ele como. D. Carlos, grato ao ministro que lhe pusera no sítio o orçamento particular, maquando no contribuinte, quiesera nome-lo par do Reino. O Ilho teve o pudor de escusar-se.

Dois ou três amigos tinham uns dias entre outros visitar o senhor Alberto. Alberto Ramon era, antes de mais, um homem de bem, de bem criado, fizeimo-lo sentir de suas máleucas do meu nome, tendo em vista que minha mãe às bordas na roupa de baixo a retrós velhica. A falta de imprensa, uma jornais supostos, outros amodoados, traziam-me notícias frescas como à água da fonte e repetiam bunotos e atoardas que meu amigo em sobretudo, minha esposa quase prolocava uma e meia hora de João Franco. Não que a minha pessoa, em si, tivesse valor no tabuleiro político. Mas era um indice. Trazia-o poder de inubmissão das forças ocultas, às quais a minha fuga, incompreensível não obstante os zunzuns dos língureiros, não podia deixar de servir de esti-

multo, exemplo, e dar guita. Por outro lado, homem da serra, voluntarioso e opinilótico como era, em seus tempos treanado na cinepática da escopeta e do furião, não suportava a ideia de que um laparoto lhe escapasse debaixo dos pés. Quando lhe foram com a novô, bramiu. Ao juiz Alves Ferreira, o pilorda que guindara a seu intendente, recusou-se a recebê-lo: — Primeiro prenda-me o homem! Prenda-me o homem!

O novo Pina Manique mobilizou contra mim a policia de segurança e secreta. Passou palavra à Guarda Municipal e Fiscal. Mandou revistar os navios a sair do porto, os centros republicanos, casas de hospedes, hotéis e até casas de toleradas. Uma circular pedindo a minha captura correu todas as comarcas.

Estava em Cabeceiras de Basto a jovem senhora que deu lugar à aventura que acabou tragicomicamente com ter eu de fazer boa parte da jornada de 25 km de melas pelo chão e pés a arder mais que metidos em soda cáustica. Ao tempo era ali delegado judicial o Dr. Vasco Borges. Também ele recebera a deprecada. E aconteceu divergir-se e vir-se a falar do facto numa daquelas assembleias de gente grada da terra, alta burguesia e nobreza de Entre Douro e Minho.

— Se ele aqui apparece — disse-lhe ela — o senhor não o prendia... —

— Não o prendia, ora essa! Porquê?

— Porque foi meu namorado e o senhor, depois de eu lho dizer, era incapaz de praticar tal peccado de genteiza para comigo.

Não se proporcionou ao timbre do Dr. Vasco Borges heitar entre os deveres do officio e do galanteria, pois que não me furtel para aquelas parengens. Contou-mo muito mais tarde quando ministro da Republica.

Uma alçada bateu para a Foz do Arelho, cercou a casa de Francisco Grandela e meteu o nariz em todas os cantos, até nas capoteiras. Alertou os postos fronteirizos e mandou para os Caminhos de Ferro instruções cuja minuta consta do officio seguinte, recebido no Sul e Sueste, e que me cheguu às mãos por portas travessas:

Mado M. N. 28

CAMINHOS DE FERRO DO ESTADO

DIRECÇÃO DO SUL E SUESTE

SERVIÇO DO MOVIMENTO

MEMORANDUM

N.º 53 **C.F.S.S.** BARREIRO M. J. G. de 190.8

John in vezoz do C. N.º 13

Tendo-se evadido de um dos calabouços da policia civil de Lisboa o preso Aquilino Juan Ribeiro, escriptor natural de Corral, ex-aldeia de Alcanabal e com as seguintes signaturas:

Alto, magro, 22 annos, barba e olhos escuros de dois olhos. Cor pallida.

Foi pedido pelo Sr. J. J. de Albuquerque Criminal a esta Direcção d'estes Caminhos de Ferro a sua captura. O preso é da gravissima responsabilidade, por esse motivo se lhe recomende a maior vigilancia possível nos passeiros de seu Combitto e se for reconhecido deva empregar todos os meios ao seu alcance para o deter tendo os mascimos cuidados em o não deixar de novo evadir-se.

O sub- chefe de policia de Corral

Este «deverá empregar todos os meios ao seu alcance para o deter» é elucidativo. Não equivalia a dar carta branca aos vários agentes de autoridade para me meterem uma bala no cotão de apuzosa resistencia, ou tentarem agui? Era de prever com o homem, preto de rato-de-India, de quem me fartel de chuchar. Mais tarde, havia de fazer todos os lreitos aos republicanos. Era preciso ser destituído dos mais elementares escrupulos para redigir destas circulares. O regedor e trauiteiro de Mondim de Basto estava à vista.

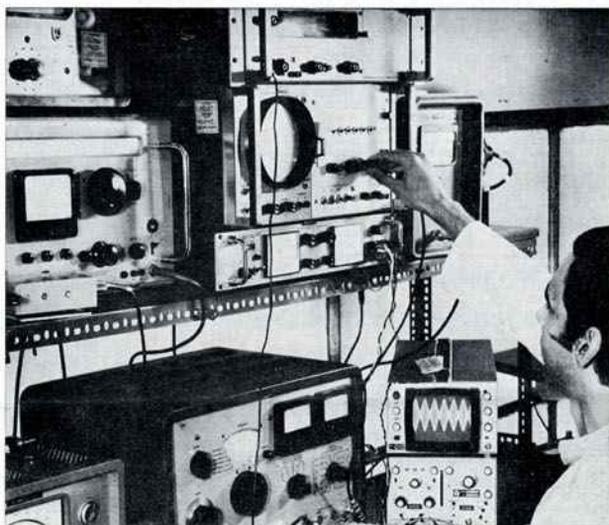
Soubes ainda que alguns peneiteiros apparearam de pena arufada, pelas Terras do Demo, o meu rincão bravo. Em Sornacheite, disseram-lhes: Aqui não está. Vem errados. No Corral, destiludiram-nos: — Morou, morou aqui há muitos anos. Trazia ainda cação e andava na minha. Procurem lá para a serra do Navo.

A serra da Nave, que era isso? Eram ditas de poviluzes selvagens, onde o senhor D. Carlos nunca gastara a soia dos sapatos, entalados entre brenhas e bosques, para lá de caminhos velhos, excomungados, sempre a subir, com rebanhos a pastar pelos altos, guardados por mastins de puas no peçoço, e serranos toscos, estaficados em pinho com corcoba que é a árvore da independência, a falar-lhes por cima da barra: — Quem procura quem? Um sujeito que era daqui...? Para quê? Ah! Fugiu? Nunca se pernas lhe doam? E vomecês ponham-se ao fresco que as pedras aqui levam sobrescrito que nunca erra a porta...

Uma das mais recentes novidades da
LIVRARIA BERTRAND

NOVA BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL

NOÇÕES DE ELECTRÓNICA



Embora a electrónica seja um domínio da técnica e do conhecimento nascido já no século XX, todos conhecemos a sua rápida expansão nos últimos vinte anos, através de realizações por vezes espectaculares.

Pretendendo levar o leitor a aprofundar esta ciência, as *Noções de Electrónica* começam por explicar as *bases físicas* indispensáveis à compreensão dos dispositivos electrónicos (Cap. I a IV). Como é habitual nesta colecção, a terminologia é simples e o aparato matemático não é grande, mas o rigor nunca é descuidado.

Os Cap. V a IX descrevem e analisam o *funcionamento* de muitos daqueles dispositivos, permitindo ainda observar a evolução histórica da electrónica.

Após um Cap. X sobre radiações, vem o estudo dos *semicondutores* e, em especial, do *transistor*, que está na base dos modernos circuitos.

Nos seis capítulos finais passam-se em revista muitas das *funções* desempenhadas por dispositivos electrónicos, como a rectificação, a amplificação e a modulação, fundamentais em sistemas de comunicação, aparelhagem de medida e tantas outras aplicações.

★

NOÇÕES DE ELECTRÓNICA, pelos Eng.^{os} Armando Cardoso e Alexandre Romeiras, é o 23.º volume da *NOVA BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL*, uma colecção que se destina a publicar volumes portáteis e a preços acessíveis, tratando os assuntos por forma a colaborar com o leitor na solução dos problemas da sua vida profissional.

Procura-se sintetizar a matéria sem prejuízo, contudo, da clareza e da sua essência.

PREÇO 90\$00

VOLUMES PUBLICADOS:

Eng.º ARMANDO CARDOSO

ELECTROTECNIA - Livros I, II e III — PERIGOS DA ELECTRICIDADE — MANUAL DO FUNDIDOR - Livros I e II — FORMULAS E TABELAS DO ELECTROTÉCNICO - Livros I, II e III — SOMBRAS E PERSPECTIVAS — ELEMENTOS DE GEOMETRIA DESCRITIVA — MANUAL DE CERÂMICA — MANUAL DE GALVANOSTEGIA E GALVANOPLASTIA.

Arq.º MANUEL DA ROCHA CASQUILHO

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO — MANUAL DE EDIFICAÇÕES.

JOÃO DE SOUSA DUARTE

MANUAL DE SOLDADURAS

F. DE CARVALHO HENRIQUES

PUBLICIDADE PARA O PÚBLICO

ANTONIO RIO DE JANEIRO

INDÚSTRIA DE SABÕES E SABONETES

GERT LINDER

COMO OBTER BOAS FOTOGRAFIAS

Dr. WILLIAM G. G. KENNEDY

CARTAS COMERCIAIS: INGLÊS, PORTUGUÊS, ALEMÃO, FRANCÊS E ESPANHOL

Prof. ALDO PAVARI

QUEBRA-VENTOS

ROGERIO LAZARO PEREIRA

PROBLEMAS DE TRIGONOMETRIA E TOPOGRAFIA